

Cor _ Identidade

Lugar

O significado literal de *lugar* designa uma porção do espaço qualquer ou um ponto imaginário numa coordenada espacial percebida pelo homem através dos sentidos. Genericamente, a abrangência do conceito define algo inerente ao Homem, porque como postulou Aristóteles, o lugar é sempre de algo ou de alguém. Para Hegel, o lugar é "(...) a união do espaço e do tempo, na qual o espaço é concretizado num instante e simultaneamente o tempo é concretizado num aqui."¹⁶

Tema recorrente da teoria da arquitectura, o conceito de *lugar* constitui um vasto campo de discussão nos círculos da crítica arquitectónica contemporânea, estipulando-se distintas correntes ou vias teóricas para a sua interpretação.

A ideia de *lugar* sustentada por Christian Norberg-Schulz na sua obra *Genius Loci - paesaggio ambiente architettura* de 1979, corporiza uma dessas vias teóricas, onde o autor inspira-se num mito romano – o *genius loci* – segundo o qual cada lugar possui um espírito, uma alma própria. Neste contexto, o primeiro gesto da arquitectura deve ser a compreensão desse espírito do lugar – a síntese abstracta de factores como a topografia, a forma, a materialidade, a envolvente, entre outros.

Este conceito de lugar entendido como conceito físico, fenomenológico e ontológico fundamental para a formulação das ideias e das intervenções do arquitecto, tem sido uma das premissas da arquitectura Portuguesa, nomeadamente pela influência disseminada pela escola do Porto, através da obra teórica e construída de arquitectos como Fernando Távora e Álvaro Siza Vieira como referências fundamentais.

Esta corrente teórica que entende o *lugar* como entidade fenomenológica que encerra significados e formas que podem ser transformadas em elementos integradores ou influenciadores do projecto arquitectónico, é exemplificada por Siza Vieira ao afirmar que "a ideia está no 'sítio', mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso

¹⁶ Apud MUNTANÕLA THORNBERG, Josep - *La arquitectura como lugar*. Barcelona: ed. UPC, 1996. p. 27.

pode e deve surgir ao primeiro olhar; outros olhares dele e de outros se irão sobrepondo, e o que nasce simples e linear se vai tornando complexo e próximo do real – verdadeiramente simples.”¹⁷

Desta forma, para Norberg-Schulz a arquitectura é a arte do lugar – por revelar a experiência do viver e do carácter do Homem – e como uma fracção do ambiente, destinada a criar ordem ao relacionar o Homem com o lugar. A obra teórica deste arquitecto constitui uma interessante intersecção da arquitectura com diversos campos científicos, especialmente a psicologia, dado que ao basear-se na psicologia da percepção e na semiologia, o autor analisa as dimensões psicológicas, sociais e culturais da arquitectura.

Em *La Topogenèse – fondament d’une architecture vivante*, Josep Muntanõla refere-se à génese dos lugares e a sua contribuição para a arquitectura, atribuindo ao conceito de lugar três dimensões fundamentais: uma dimensão lógica, uma dimensão ética e uma dimensão estética. Esta última como factor intrínseco e subjectivo recusa formalismos, tendo por objectivo o homem e não os objectos. Esta visão da arquitectura encerra um carácter romântico, dado que pretende estabelecer uma nova modernidade – uma modernidade construtiva dos lugares.

Em oposição, alguns críticos da actualidade como Peter Buchanan, William Curtis, Luis Fernández-Galiano ou Ignasi de Solá-Morales contestam esta interpretação do conceito de lugar, desvalorizando e subestimando a sua importância, defendendo que a acção temporal exercida sobre os lugares tende a apaga-los ou alterar a sua forma.

Nessa medida, Solá-Morales¹⁸ no seu ensaio *Lugar – Permanencia o Producción* contrapõe a um conceito tradicional de lugar – considerado pelo autor como estático – um conceito de lugar baseado na ideia de fluxos, acontecimentos e energias, mais próximo das interpretações pós-estruturalistas de Eisenman ou de Rem Koolhaas. Este último autor corporiza uma atitude neo-liberal que enfatiza o lugar como um mero espaço de encontro de acontecimentos e fluxos num determinado tempo, inserido numa lógica de transformação contínua.

¹⁷ SIZA, Álvaro – *Escrits*. Barcelona: Edicions UPC, 1994. p.17.

¹⁸ *Apud* NEVES, Victor (coord.) – *O lugar*. Lisboa : Ed. Universidade Lusíada, 2001. p. 8.

Identidade

Independentemente da sua escala ou localização, cada lugar é associado a imagens e sensações, estando condicionado à memória pessoal e ao repertório de cada indivíduo, resultando da inter-relação entre o ambiente, o Homem e a sociedade. É uma fracção do meio ambiente onde o Homem habita e interage, determinado por um conjunto de factores distintivos que lhe conferem identidade.

E neste ponto onde o conceito de lugar entronca no conceito de identidade, torna-se necessário compreender as relações estabelecidas entre estes conceitos. Importa perceber o que define a identidade de um lugar e averiguar as relações existentes entre identidade e qualidade urbana.

O conceito de identidade de um lugar engloba um vasto conteúdo perceptivo definido por inúmeros factores que contribuem para a criação do sentimento de identificação, facto sociológico manifestado pelo auto-reconhecimento entre o lugar e o habitante.

De acordo com José Aguiar, a identidade é um valor de âmbito cultural, de forte carácter emocional por "(...) incorporar os valores da idade, as relações com as tradições, com as memórias e as lendas, com as simbologias de âmbito político-religioso, que muito facilmente despoletam sentimentos extraordinariamente fortes, sejam eles de carácter nacionalista, patriótico, ou místico." ¹⁹

A identidade relaciona-se com um conjunto de características definidoras do lugar, como a sua origem histórica, memória e tradição, e por essa razão, com a cultura e vivência dos homens que o habitam. Nesse sentido e ainda de acordo com José Aguiar, as cidades históricas "(...) manifestavam, a todos os níveis, diferenças entre si. Possuíam realidades políticas e sociais muito distintas, capacidades culturais e económicas fortemente diferenciadas, o que se exprimia numa diferenciação na arquitectura dos seus espaços urbanos." ²⁰

¹⁹ AGUIAR, José - *Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Ed. FAUP, 2002. p. 118.

²⁰ *Ibidem*, p. 125.

A identidade de um lugar pode distinguir-se através do reconhecimento de semelhanças ou de contrastes por comparação com outras identidades, embora outros e variados factores possam igualmente determinar a identidade, como a natureza dos modelos e sistemas produtivos que constituem o quadro físico de um lugar, as diferentes capacidades das suas culturas produtivas, a qualificação dos saberes, a mão-de-obra disponível, as técnicas e dos materiais empregues no seu uso local.

A obra teórica de Christian Norberg-Schulz encerra interessantes reflexões sobre a importância da relação lugar - identidade. Na anteriormente citada obra *Genius Loci - paesaggio ambiente architettura* (1979), este autor desenvolve umas das primeiras e mais coerentes teses sobre o tema da identidade no campo da teoria e história da arquitectura:

“No passado, o lugar era comumente entendido como parte da realidade. Não se sentia necessidade de falar da sua natureza ou importância: esse lugar está simplesmente lá (...) Ter uma identidade significa, de facto, ter tomado posse de um mundo, compreendido com um acto de identificação. Somente quando se alcançar essa identificação, poder-se-á dizer que se habita no verdadeiro sentido da palavra. (...) Assim, dizemos como auto-identificação: sou ‘florentino’ ou sou ‘romano’. Se este aspecto do viver for perdido, surge a alienação, o alheamento e, na sua relação com o mundo, o Homem perde a sua base existencial.”²¹

A globalização e a sua acção e influência sobre as sociedades contemporâneas predominantemente urbanas, introduziu novas relações entre a vida social e os espaços arquitectónicos. Neste momento de transformações acentuadas marcadas por um ritmo elevado, as sociedades contemporâneas tendem para uma homogeneização, potenciada pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação e transmissão de conhecimento e dados.

Como consequência deste processo, a noção de *lugar* tradicional tende a ser transformada no mundo contemporâneo, introduzindo-se alterações nas relações entre o espaço e o tempo, verificando-se mecanismos de dispersão aonde antes existia concentração.

²¹ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Luogo e identità em Centro Storico, Restauro o Progetto. La Casa Usher* - Florença: Fondazione Michelucci, 1987. Cf.: AGUIAR, José - *Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Ed. FAUP, 2002. p. 115.

Segundo Norberg-Schulz, é neste ponto que reside o desvanecimento do sentimento de *lugar*, porque de acordo com este autor "(...) o ambiente moderno já não tem um carácter local." ²² E conseqüentemente, assiste-se a um efeito similar sobre a expressão das identidades, progressivamente esbatidas nas suas diferenças, conduzindo a reprodução de modelos similares em diferenciados contextos geográficos.

De acordo com José Aguiar, "(...) o processo de transformação do mundo moderno [conduz] à perda ou à profunda dilaceração da identidade das cidades. Perde-se a reconhecibilidade das suas partes e verifica-se uma impressionante homogeneização dos lugares e das arquitecturas, produto dos intensos processos de transformação, a que uns chamam desenvolvimento e outros degradação cultural." ²³

Por outras palavras, esta nova realidade pode ser encarada sob perspectivas marcadas pelo pessimismo – a identidade em perda – ou pelo optimismo – a identidade em mutação. Na primeira, a perda de identidade resulta da constituição de não-lugares, onde a identidade torna-se genérica, e apenas uma visão romântica de manutenção do lugar como valor absoluto e imutável proveniente do passado poderia contrariar esta tendência; na segunda, a nova realidade é entendida como um fenómeno moderno de reconstituição ou transformação dos lugares em contextos dos novos valores emergentes no processo de evolução das sociedades.

Objectivamente, a identidade não pode ser encarada como um conceito estático, que permanece inalienável, fixado e cristalizado no tempo. Ela deve ser entendida como um somatório de factores permanentes e evolutivos na sua relação com a memória e com o tempo, pelo que a identidade tende para a mudança. E na medida em que, as alterações do mundo contemporâneo são acompanhadas pela acelerada transfiguração dos lugares, o resultado é a transformação das identidades existentes através da sua mutação em novas identidades.

Por exemplo, destas diferentes leituras resultam as diversas opções estratégicas possíveis num processo de intervenção sobre a cidade e sobre o património: intervir numa perspectiva conservadora e historicamente determinista de conservação; intervir

²² NORBERG-SCHULZ, Christian - *Luogo e identità em Centro Storico, Restauro o Progetto*. La Casa Usher - Florença: Fondazione Michelucci, 1987. Cf.: AGUIAR, José - *Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Ed. FAUP, 2002. p. 115.

²³ *Op. Cit.* Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património. p. 111.

introduzindo uma clara ruptura com o existente ou intervir numa perspectiva de transição em continuidade assente em interpretações qualificadas e dirigidas para a procura de uma maior qualidade urbana. E nesta questão essencial da arquitectura contemporânea, o papel do arquitecto torna-se fundamental na leitura, reconhecimento e reconstituição do sistema de valores do território, procurando destacar os elementos estruturantes e identitários que tornam um determinado lugar único.

E neste contexto, a obra de Álvaro Siza Vieira sobressai pelo exemplo metodológico da procura do diálogo com os contextos físicos, sociais e culturais dos lugares, através de abordagens que potenciam uma dinâmica controlada de crescimento da cidade, minimizando a auto-representação projectual.

Cor _ Identidade

“(...) quais são as relações entre imagem e identidade urbana? Até que ponto a imagem contribui para a identidade da cidade e da arquitectura histórica? E qual o valor específico da cor, dos revestimentos e acabamentos exteriores dos edifícios antigos na construção e definição dessa imagem e desse ambiente específico?”²⁴

A procura de Norberg-Schulz de uma teoria que permita compreender o carácter do lugar, ainda que determinado por condições espaciais (abstractas), depende muito directamente das suas propriedades materiais:

“O Homem não se identifica com estruturas abstractas, mas com um mundo de coisas palpáveis. O nosso quotidiano não consiste em átomos e moléculas, mas de rochas e montanhas, de campos e árvores, de rios e lagos, seres humanos e animais, casas e artefactos. São estas as coisas que conhecemos, reconhecemos e recordamos. (...) O carácter ambiental é portanto determinado pelos objectos que constituem a localidade.”²⁵

Este autor destaca o papel da materialidade na relação do homem com o lugar. Esta é a premissa do presente estudo: a materialidade da arquitectura – nomeadamente a cultura de cor – como factor definidor de identidade de um lugar. De facto, o lugar é potencialmente sintetizador do ser e do estar de uma determinada comunidade, exprimindo a sua identidade e cultura.

E na medida em que, a cor resulta da interacção entre o Homem e o ambiente, ela constitui um factor de identidade ao desempenhar um papel fulcral em termos culturais, devido à sua componente estética e simbólica. As qualidades que as cores podem introduzir nas formas arquitectónicas – desde o contexto específico de um objecto à escala da cidade – são variáveis em função da complexidade do fenómeno cromático, permitindo a leitura de aspectos sociais, culturais e históricos.

²⁴ *Op. Cit. Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património.* p. 111.

²⁵ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Luogo e identità em Centro Storico, Restauro o Progetto.* La Casa Usher - Florença: Fondazione Michelucci, 1987. Cf.: AGUIAR, José - *Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do património.* Porto: Ed. FAUP, 2002. p. 116.

O suporte geográfico e o contexto de um lugar são elementos marcantes na definição da sua identidade, dado que a relação estabelecida entre o seu meio natural e o seu meio artificial traduz-se como um traço identitário. Em adição, as formas e elementos físicos definidores da arquitectura de um lugar, constituem a manifestação material da sua identidade, sendo uma expressão do carácter daquele lugar construído ou urbanizado. Estas vertentes morfológicas da identidade são valorizadas em arquitectura, constituindo um paradigma do acto projectual, consubstanciado na tentativa de descodificação e interpretação da identidade dos lugares.